

LEITURA LITERÁRIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTO AO HIPERCONTO

Verônica Diniz da Silva¹
Gisela Maria de Lima Braga Penha²

RESUMO

O uso das tecnologias com a informação-interação precisa ter seu lugar dentro das escolas. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma sugestão de trabalho em sala de aula com a leitura de hiperconto, um gênero textual atrativo e interativo, tendo em vista pertencer à esfera midiática. Este artigo busca instigar a relação teoria-prática no trato das questões referente ao “novo” gênero textual que, com certeza, irá despertar nos alunos o interesse pela leitura, partindo do princípio de que é possível fazer uma leitura com o objetivo de fruição de contos e hipercontos. A proposta de atividade tem como objeto o letramento literário que se apresenta como um processo que será desenvolvido dentro de um contexto propício a sala de aula. Para desenvolver este trabalho foram utilizados autores como: Solé (1998), Cosson (2014) Dolz, Navarra e Schneuwly (2004), Marcuschi (2008) e Rojo (2012), dentre outros.

Palavras-chave: Leitura literária; Conto; Hiperconto; Sala de aula.

ABSTRACT

The use of Technologies with information-interaction must have its place within the school. This article aims to present a suggestion of work in the classroom with hypercontent an attractive and interactive textual genre, with and view to belonging to media sphere. This article seeks to instigate the relation between theory and practice in the treatment of issues related to the “new” textual genre that will certainly awake students’ interest in reading with the purpose of fruition of short stories and Hiconcont. The activity proposal aims at literary literacy that presents itself with a process that will be developed within a context conducive to the classroom. We read authors like: Solé (1998), Cosson (2014) Dolz, Navarra e Schneuwly (2004), Marcuschi (2008) e Rojo (2012), others.

Keywords: Literary. Short Story. Hiconcont. Classroom,

Introdução

Atualmente, há cada vez mais pessoas com dificuldades para aprender aquilo que a sociedade exige delas. Nossos alunos sabem cada vez menos, não leem com proficiência. Mas, como é de conhecimento de todos, a escola tem o dever e a missão de ensinar a esses alunos. Assim, faz-se necessária a busca pelo ensino e aprendizagem que contemple essas demandas, as quais exigem cada vez mais um amplo conhecimento e o

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional (PROFLETRAS) da Universidade Federal do Acre (UFAC). email: veraprofeletras@gmail.com.

² Gisela Maria de Lima Braga Penha, Prof^ª Dr^ª de Teoria da literatura e literaturas de língua portuguesa da UFAC. Docente do Profletras e do Mestrado Acadêmico de Letras - UFAC. email: gidilima7@gmail.com.

uso da linguagem nos diversos contextos sociais. Além disso, essas demandas crescentes de aprendizagem produzem-se nesse contexto de uma suposta sociedade do conhecimento, que não apenas exige que muitas pessoas aprendam cada vez mais coisas, mas que as aprendam de outra maneira, no domínio de uma nova cultura da aprendizagem, de uma nova forma de conceber e gerir o conhecimento, o qual deve permitir a participação, o acesso das pessoas aos bens e saberes culturais e requerem o domínio de competências para poder lidar com as mudanças ocasionadas por esta sociedade globalizada.

Diante das inúmeras situações de comunicação e interação na qual estão inseridos nossos alunos, o presente artigo visa apresentar uma sequência de atividades que permitam a participação, a interação e o interesse no desenvolvimento das atividades com os gêneros textuais conto e hiperconto na sala de aula. Portanto, o principal objetivo dessas atividades é contribuir para o desenvolvimento das capacidades comunicativas dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para desenvolver este trabalho foram utilizados autores como: Solé (1998), Cosson (2014) Dolz, Navarra e Schneuwly (2004), Marcuschi (2008) e Rojo (2012), dentre outros.

Dessa forma, partiremos do conceito de leitura, enquanto processo de interação e prática social que exige do leitor conhecimentos prévios, de mundo, linguístico e textual que devem levá-lo a uma construção ativa e participativa no processo de compreensão leitora, voltada para a leitura de textos literários, suscitando o letramento literário, que é uma forma de inserção social.

O letramento, que é uma apropriação pessoal de práticas sociais e se refere aos modos como a leitura e escrita se apresentam na sociedade, seus usos e suas funções nas diferentes situações comunicativas em que é utilizada coletiva e pessoalmente. E multiletramentos – parte das culturas de referências do alunado e de gêneros, mídias e linguagem por eles conhecidos, que ampliem o repertório cultural, na direção de outros conhecimentos. Portanto, o letramento literário que também é uma prática social, precisa ser contemplado na sala de aula, pois a literatura é uma das ferramentas que podem levar o aluno a se tornar parte desse mundo tratado nas obras literárias.

O presente artigo terá como gênero textual o conto “As três irmãs” de Mia Couto (2004) e de hipercontos e será desenvolvido de acordo com as estratégias de leitura que irão ativar os conhecimentos prévios dos alunos conduzindo-os a levantar hipóteses quanto à compreensão leitora do texto. Buscamos favorecer o desenvolvimento do leitor

interativo e crítico, na construção do ensino e aprendizagem com aulas mais dinâmicas que contemplem o ensino da leitura literária e dos multiletramentos nas aulas de Língua Portuguesa.

A leitura: o ponto de partida

Por que se insiste tanto que os alunos leiam? Porque a leitura é uma das práticas mais recorrentes na escola, uma vez que dela depende a aprendizagem de muitos outros conteúdos das diferentes áreas do conhecimento. Como já se sabe, a aprendizagem depende do processo de compreensão do sujeito que aprende – dos assuntos e conceitos estudados, dos procedimentos a serem utilizados, das atitudes mais adequadas, dos valores que fazem sentido num dado contexto. Evidentemente, cada aprendizagem demanda níveis diferenciados de compreensão e este é um processo de construção pessoal. Mas o fato é que o acesso ao conhecimento escolar tem como porta de entrada dois conteúdos centrais da área de Língua Portuguesa: a escuta e a leitura. Ambas relacionadas diretamente ao processo de compreensão, e para que isso aconteça é necessário que saibam que:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante da dificuldade de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCNs, 1998, p. 69-70).

Segundo Naspolini, ler é o processo de construir um significado a partir do texto. “Isso se torna possível pela interação entre os elementos textuais e os conhecimentos do leitor. Quanto maior for a concordância entre eles, maior a probabilidade do êxito na leitura” (2009, p. 18). Aqui se percebe que o leitor precisa ter conhecimento de mundo para que entenda o texto e faça sua inferência, porque o texto atua sobre os esquemas cognitivos do leitor, e cada um possui seus conhecimentos específicos.

Nessa relação de significado e conhecimento, já internalizados pelo leitor, é que o letramento é compreendido como a construção do conhecimento de mundo que o leitor tem, pois sabemos que quando o aluno chega à escola já teve oportunidade de ver, manusear e até fazer leitura de textos. Por isso, transcende a aquisição mecânica do

código (NASPOLINI, 2009). Esse processo considera a língua como meio de inserção social, legitima as múltiplas linguagens, com suas formas, estilo e conteúdo.

Portanto, uma abordagem crítico-social dos textos trouxe uma interpretação diversificada, que visa à formação do cidadão participativo e preocupada com a transformação da sociedade. Ganhou força a concepção do professor como um dos principais agentes de letramento, visto que seu papel principal é contribuir para que os alunos criem estratégias, no momento da leitura, para estabelecerem relações necessárias à formulação de hipótese, inferências, confronto de interpretação, formulação de perguntas e para que façam um caminho em que se reconheçam como participantes do texto. Já não tem mais lugar para uma leitura mecânica, na qual o aluno lê somente para responder questionários. A leitura, como prática social, é feita com objetivos, são eles que determinarão a forma como o leitor procederá à leitura. Para Solé:

‘Não lemos qualquer texto da mesma maneira, e que este é um indicador da nossa competência: a possibilidade de utilizar as estratégias para cada caso’. Completa dizendo que “os objetivos dos leitores com relação ao texto podem ser muito variados e haverá tantos objetivos como leitores. (1998, p. 93)

A autora cita estratégias e procedimentos que são importantes para que o ato de ler não seja para o aluno algo sem finalidade, que esteja bem claro para o aluno que ele deve ler para se informar, seguir instruções, aprender, revisar conteúdos estudados, por prazer, se comunicar, praticar leitura em voz alta, verificar o que se compreendeu. Portanto, todos eles cumprindo um propósito de ser instrumento de aprendizagem de uma leitura proficiente.

A literatura e a escola

Na década de 1990, firmou-se como princípio de organização curricular, a necessidade de um trabalho com a diversidade textual, demanda que foi ampliada com a perspectiva de se tomar os gêneros do discurso como objeto de ensino e aprendizagem. Ainda que essa diversidade seja necessária, já que visa à possibilidade de participação em práticas sociais que têm lugar nas diferentes esferas de comunicação, o trabalho com a literatura deve ainda hoje e sempre ocupar um lugar central no currículo de Língua Portuguesa. Os autores afirmam que:

Seja em função do direito à literatura, propagado por Cândido (1995), em função do seu caráter formativo, do seu potencial humanizador, pela possibilidade de conhecimento e de autoconhecimento que propicia (e de identificação e de alteridade) ou, ainda, por permitir a expressão, a aproximação e a discussão de diferentes imaginários, valores, visões de mundo, comportamentos, impasses e utopias, a literatura reclama seu espaço na escola. (BARBOSA; ROVAL, 2011, p. 47).

Ao longo da história da educação, a literatura nem sempre foi utilizada como objeto de reflexão da condição humana: “Todas as obras-primas da literatura foram obras-primas de complexidade: a revelação da condição humana na singularidade do indivíduo” (MORIN, 2010, p. 91). Constata-se que há um equívoco de sua essência, pois quando serve à pedagogia escolar, não é vista como fonte de enriquecimento e de reflexão para a vida dos estudantes. Conforme Souza (2011), a literatura trata de sentimentos, sensações e situações que vinculam fantasia e realidade, constantemente presentes em nossa própria vida. E ainda acrescenta:

A literatura tem a função humanizadora porque, enquanto seres humanos temos uma necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensivo ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação e das necessidades elementares. (SOUZA, 2011, p. 149-150).

Portanto, ao recorrermos à literatura na escola deveríamos transformá-la em importante instrumento de formação, “já que o enredo da obra literária é construído a partir de profundos ‘conteúdos humanos’, o que possibilita ao leitor refletir sobre assuntos relevantes para o seu desenvolvimento enquanto ser”, (SOUZA, 2011, p. 150) tais como:

As paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (não me refiro à educação sexual, mas à relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações) as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos. (SOUZA, 2011, p. 150 *apud*, AZEVEDO 2004, p. 41)

Por essa e por tantas outras razões, devemos, enquanto escola, proporcionar aos jovens leitores o contato com as mais diversas obras literárias, permitir que o aluno, ao se debruçar sobre esses livros, se encontre com personagens que têm sentimentos,

aflições, desafios e relações corriqueiras, ou seja, obras que focam “o convívio humano, dando ênfase às relações afetivas, sentimentais ou humanitárias” (SOUZA, 2011, p. 151). Acreditamos, então, que a literatura na escola e nas aulas de Língua Portuguesa deve ocupar um espaço privilegiado, visto que:

A linguagem literária é caracterizada por sua plurissignificação, por isso, as palavras no texto literário têm o poder de nos envolver e transportar para um lugar que não é só imaginário, mas também é real. É real porque se pode viver um momento inigualável, mesmo que este seja fruto do imaginar, do sentir, aprender, do sonhar (SOUZA, 2011, p. 152).

A literatura nos permite compreender com maior profundidade o mundo em que vivemos e nos tornar pessoas melhores nas relações interpessoais e intrapessoais. É importante lembrar que uma das funções da literatura é formar seu próprio leitor. A formação do leitor consiste em possibilidades de estabelecer objetivos, estratégias de leitura e envolvimento com a literatura, porque através dela nos libertamos e temos a oportunidade de nos imaginarmos em outros mundos onde há a possibilidade de visualização de novos caminhos e novas perspectivas.

Letramento literário

É de conhecimento dos educadores, principalmente, no ensino fundamental II, que a leitura de textos literários, na maioria das vezes, serve apenas de pretexto, que teria como objetivo levar o aluno a ser um bom conhecedor da língua em seus aspectos morfológicos e sintáticos, e, também, em relação às regras gramaticais. Quando a escola diz que os alunos têm aulas de literatura é algo vago que não passa de ensinar escolas literárias, seus principais autores e leitura de um texto, apenas para ensino de nomenclatura, deixando de lado a essência da obra que é formar e transformar o indivíduo, levando a reflexão de si mesmo e do outro. Para que haja uma apropriação dos textos literários por parte dos alunos é preciso que partamos do letramento literário, que, segundo Cosson, é:

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (2014, p. 12).

Diante dessa perspectiva, o letramento literário faz parte do vasto uso do termo letramento. Porém, possui singularidades porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p. 17). Além disso, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma.

O letramento literário pode ser definido, em linhas gerais, como um conjunto de práticas e eventos sociais que envolvem a interação, leitor e escritor, produzindo o exercício socializado na escola por meio da leitura de textos literários, sejam esses canônicos ou não. Assim, a finalidade principal é a construção e reconstrução dos significados em relação ao texto literário.

Portanto, o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço.

É importante destacar que na perspectiva do letramento, as habilidades de leitura devem ser aplicadas diferenciadamente a diversos tipos e textos. Para Solé (1998) e Cosson (2014), devem ser respeitadas as diversidades de leituras, de modos de ler. Não basta defendermos a presença de diversos tipos e gêneros textuais na escola, se não levarmos em conta os diferentes modos de leitura, de acordo com determinadas especificidades de textos.

Na sequência básica do letramento literário na escola, Cosson (2014) apresenta quatro passos para desenvolver atividades com leitores tendo como objeto a literatura: motivação, introdução, leitura e interpretação. O primeiro passo do letramento literário, denominado motivação, consiste exatamente em preparar o aluno para “entrar” no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

O segundo passo – a introdução: é a apresentação do autor e da obra. No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto. É também o momento em que o professor chama a atenção do aluno para os elementos paratextuais, pois são eles que fornecem pistas ao

leitor sobre o conteúdo da história, como por exemplo, a leitura da capa e da contracapa, da orelha, de ilustrações e de outros elementos que introduzem uma obra. Sua função é apenas permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva. O terceiro passo é a leitura e o autor diz que a leitura precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir o qual não deve ser perdido de vista.

O quarto, e último passo, é a interpretação, a qual se constitui de inferências para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. Cosson (2014), no cenário do letramento literário, pensa a interpretação em dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior é aquele que acompanha a decifração, tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura, é o encontro do leitor com a obra. O momento externo é a concretização, materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. Segundo ele, é aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independentemente dela. E conclui:

Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória. (COSSON, 2014, p. 65).

Enfim, a finalidade do letramento literário na escola é saber de que forma e como a leitura literária é concebida e praticada na escola, quais os objetivos e como são trabalhados; como são trabalhadas as operações interpretativas e como estão sendo apreendidas pelos alunos para que eles se apropriem de habilidades fundamentais para se tornarem leitores críticos. Acreditamos que é importante pensar sobre o papel da escola e do professor na formação literária de seus estudantes.

Proposta de intervenção

A proposta de intervenção foi planejada para ser ministrada para alunos do 9º ano - Ensino Fundamental II, com uma carga horária de 10 aulas mensais e os seguintes objetivos:

- Conhecer as narrativas de mistérios que circulam no universo social;
- Interpretar diferentes linguagens para a compreensão de mundo ao correlacionar

mistérios contidos nos textos literários;

- Ler, interpretar e identificar os conflitos presentes no conto e no hiperconto;
- Reconhecer os textos literários como produções histórico-culturais a fim de demonstrar compreensão do mundo;
- Utilizar diversas modalidades de linguagem, buscando desenvolver a prática da leitura multimodal.

Para motivar os alunos a incorporarem um detetive que irá desvendar o suspense contido na vida dos personagens, iremos ler para eles várias narrativas de mistérios e também apresentá-los ao maior detetive de todos os tempos, das narrativas de enigmas, Sherlock Holmes.

Por intermédio do conto selecionado, do escritor António Emílio Leite Couto – Mia Couto, pretende-se explorar os mistérios e suspenses contidos no conto para aguçar a curiosidade, o que pode contribuir para suscitar as veias investigativas dos alunos a partir do envolvimento deles com o enredo.

Primeiro momento: Apresentação de como será desenvolvida a aula e seus objetivos.

- Gostam de ler contos?
- Quais foram os contos que já leram e que até hoje lembram?
- Poderiam contar um pouco da história para os colegas?
- Que ensinamento tirou e que relação pode fazer com a realidade?

Para todas as leituras, usaremos as estratégias de leitura sugeridas por Solé (1998) que propõe: ensinar a ler significa ensinar os alunos a usarem os conhecimentos já adquiridos aliados aos propósitos da leitura. Tudo isso faz com que gere nos alunos expectativas em relação ao texto, pois parte dos conhecimentos prévios deles que criam hipóteses e fazem antecipações sobre o assunto que os textos abordarão.

Segundo momento: Apresentação do conto “As três irmãs”, de Mia Couto.

Antes da leitura faremos uma breve apresentação do autor e uma breve justificativa a respeito da escolha do conto, contextualizando a história através do título do conto:

- O título nos remete a quê? A partir dele, o que você espera encontrar na história a ser lida?
- O título desperta sua curiosidade? É chamativo, motivador? Por quê?
- Pelo título será uma história triste ou feliz? Justifique.

- Para você, qual será a temática do conto?
- Será que elas vivem com pai e mãe? Por quê?
- Como será essa relação familiar?

Todos os questionamentos aguçam a vontade dos discentes de lerem o texto. Também faremos leituras compartilhadas, pois esse tipo de leitura prepara o aluno para uma leitura autônoma, e também faz com que os alunos fiquem atentos à narrativa, de acordo com Silva:

Um procedimento de leitura compartilhada que vai um pouco mais além e, pois constitui um passo à frente na trajetória do leitor, é o círculo de leitura com um leitor-guia. De posse do texto, os leitores acompanham a leitura de um guia, que vai lendo em voz alta, transferindo para a voz as intenções do texto, detendo-se em explicações nas passagens mais sutis, chamando a atenção para os recursos estilísticos utilizados. Em outras palavras, ele vai desvendando junto com os leitores as entrelinhas do texto (2009, p. 35).

Os questionamentos servem para provocar os educandos a anteciparem e criarem hipóteses sobre o que será estudado, mesmo antes do primeiro contato com o texto. Esta tarefa reforça a concepção de leitura numa perspectiva textual, com foco na interação autor-texto-leitor, atribuindo ao leitor, na atividade de leitura, o papel de leitor construtor de sentido (KOCH; ELIAS, 2012, p. 12). Nas atividades de leitura é fundamental esse tipo de exercício de antecipação, pois a leitura do texto começa antes de pegar o texto nas mãos e, para constatarmos essa interação no processo de leitura. Solé completa:

Se supõe que o leitor seja um processador ativo do texto, e que a leitura seja um processo constante de emissão e verificação de hipóteses que levam à construção da compreensão do texto e do controle dessa compreensão - de comprovação de que a compreensão realmente ocorre (1998, p. 24).

A proposta de trabalho com o texto literário na formação do sujeito-leitor revela uma vontade de fazer com que nossos alunos se sintam estimulados à leitura. Faremos isso durante todos os momentos, desafiando-os a ver no texto os elementos que o compõem dando-lhes sentido; reconhecer características específicas, comparar e relacionar a outros textos, pois é dessa maneira que há a formação de um leitor reflexivo e crítico. É no contato e nos objetivos da leitura que o leitor vai criar e dar sentidos ao texto.

Terceiro momento: Leitura do Conto.

O conto “As três irmãs” é o conto de abertura da obra *O fio das missangas*, publicado em 2004; é formado por vinte e nove narrativas.

O conto “As três irmãs” conta a história de Gilda, Flornela e Evelina que, após a morte da mãe, se mudam com o pai, Rosaldo, para um lugar distante, ficando assim isoladas do convívio social. “Cada uma delas possui um dom para servir as necessidades do pai: cada uma feita para um socorro: saudade, frio e fome”. (COSTA, 2012, p. 78 *apud*, COUTO, 2009, p. 9), A filha mais velha, Gilda, com o dom de rimar, passava o dia no jardim ou dentro de casa com um dicionário nas mãos, procurando fazer as várias combinações; a do meio, Flornela, ocupava-se em cozinhar, sabia vários pratos e inventava vários outros; por fim, Evelina, a mais nova, sabia bordar e passava os dias na varanda praticando seu ofício. São surpreendidas, certa vez, pela visita de um bonito rapaz, que passou por aquelas terras. A passagem desse jovem transformou a vida das três irmãs e também do pai.

Quarto momento: após a leitura do texto faremos algumas perguntas e discussões que são pertinentes para que o aluno perceba que a leitura tem uma finalidade. Segundo Cosson, “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, não deve ser pedido de vista” (2014, p. 62). Portanto, cabe ao professor mediar à leitura para que se torne prazerosa para o educando.

- A história confirmou suas expectativas? Comente.
- A forma como são apresentados o cenário, os objetos e as personagens contribuíram para a compreensão do texto e para enfatizar a relação paternal?
- Você se lembra de ter presenciado e/ou ter ouvido alguém comentando situações parecidas com as expostas no texto? Como eram essas situações?
- Você acredita que ainda hoje os pais usem dessas estratégias para afastar os filhos de qualquer tipo de convivências com outras pessoas?
- Diante do fato narrado, qual foi sua reação?

Quinto momento: Laboratório de informática.

Após este momento levar os alunos ao laboratório de informática da escola para lerem hipercontos na internet. Antes da leitura, faremos a antecipação do texto com as seguintes perguntas:

- Vocês gostam de ler textos na internet?
- Quais os textos vocês leem na internet?
- Conhecem o gênero hiperconto?

Depois do levantamento de hipóteses, iremos ler hipercontos. A leitura será silenciosa. Segundo Silva, “esta é talvez, a melhor modalidade de fruição de um texto” (2009, p. 35). É o primeiro contato do leitor com o texto, momento de interagir e confirmar suas suposições sobre o texto.

A aula será no laboratório de informática e pediremos para que os alunos sigam as seguintes instruções:

- Acesse literatura digital interativa – professora Roberta Garcia.
- Na página inicial, você verá algumas definições de hipercontos;
- Clique no link “Conto” aparecerá quatro hipercontos: “Um tiro para a liberdade”, “O amor enganado”, “O homem que não tinha nada” e “Bang e Bang”.
- Em seguida, você terá acesso à história e escolherá uma delas para ler;
- Após a leitura da primeira parte da história aparecerão duas opções de desfechos para o hiperconto e você deverá escolher um dos dois.

Quando terminarem as leituras e, automaticamente, sua participação na história, pediremos para que os alunos leiam que final eles deram para a história escolhida por eles. No momento da socialização e leitura do final da narrativa irão se sentir coautores do hiperconto. Questionaremos que caminhos cada um percorreu até chegar ao final. Em seguida, será proposta uma atividade de interpretação do hiperconto.

A escolha por narrativas de mistérios se justifica pelo questionamento: qual pessoa não se interessaria por questões misteriosas? Vivemos cercados de acontecimentos que exigem de nós um posicionamento a respeito do que aconteceu e, parafraseando o dito popular “de médico e de detetive todo mundo tem um pouco”.

Sexto momento: Comparação entre o conto e o hiperconto.

Promover um debate com os alunos sobre o conto (literatura impressa) e hiperconto (literatura digital), levando os educandos a perceberem particularidades e diferenças de composição, as formas como foram escritos, o tempo, os recursos expressivos e tecnológicos entre os gêneros textuais.

Compreendemos que despertar nos alunos a vontade de ler, interagir com o texto e/ou textos seria o primeiro passo para um trabalho com a leitura em sala de aula. Na

seqüência faremos uma atividade para os alunos explicarem, em um quadro, em que se assemelham e em que se diferenciam o conto do hiperconto.

Oitavo momento: Elementos da narrativa

Uma narrativa deve elucidar os acontecimentos, respondendo às seguintes perguntas essenciais: O quê? Quem? Como? Onde? Quando? Por quê? Faremos um quadro para que os alunos respondam aos questionamentos e a partir das respostas entenderem a estrutura das narrativas estudadas.

Considerações finais

Ao partir da leitura como forma de transformação e ampliação das maneiras de ver o mundo, unir a leitura à tecnologia, pretendemos não só oportunizar ao nosso aluno adentrar o mundo digital e descobrir seus inúmeros recursos, mas também buscamos formar leitores, ativos no processo de ensino e aprendizagem.

A leitura do texto literário traz importantes contribuições ao educando, entre elas: o deleite, a fruição e a reflexão da sua realidade. No entanto, ultimamente, nas práticas escolares, o texto literário ora tem servido como pretexto para o ensino da língua, ora tem sido visto como mero passatempo ou diversão. É necessário que a escola continue apresentando os textos literários não apenas para serem vistos, mas também com a função de contribuir com a formação do aluno enquanto cidadão crítico.

Com o objetivo de inovar e desenvolver aulas dinâmicas, significativas e integrar gêneros digitais e não digitais, visando à progressão dos multiletramentos e de competências discursivas dos alunos do Ensino Fundamental II, propusemos uma seqüência de atividades com conto e hipercontos.

Nessa perspectiva, acreditamos que a multimodalidade, encontrada em diferentes gêneros e também em nossa proposta, podem fazer parte da sala de aula. Portanto, a escola deve ampliar as experiências de letramentos dos alunos e essa deve estender-se a todos os ambientes e situações em que os textos são importantes e utilizados. A imersão dos alunos em atividades de leitura e escrita nos ambientes digitais leva-nos à constatação da necessidade de a escola considerar tais práticas discursivas importantes, tendo em vista ser um grande atrativo para os educandos.

Enfim, a prática do letramento literário precisa ser inventada e reinventada por cada professor em cada aula. Assim o ensino da literatura passa a ser o processo de

formação de leitores capazes de se comunicar no tempo e no espaço, enquanto cidadãos que se constroem e reconstróem sua história. Logo, é necessário que a escola, com certa brevidade, torne o ensino e aprendizagem da literatura, uma prática significativa ao repensar e ressignificar as práticas de leitura de textos literários.

Referências

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. ROVAI, Célia Fagundes. **Gênero do discurso na escola**: rediscutindo princípios e práticas. São Paulo. FTD. 2012.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Daniela Aparecida da. As três irmãs: um conto de fadas às avessas. **Mulemba, Revista**. Rio de Janeiro: UFRJ, v.1, n. 6, p. 71-82, jan/jul. 2012.

DIAS, Anair V. M. Hipercontos multissemióticos: para a promoção dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 95-122

DOLZ, Joaquim; SHHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Vera Maria, Tietzmann. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores de leitura. Goiânia. Cãnone Editorial, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari, (Org) **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.